A segunda onda feminista na Geografia: uma entrevista com Cindi Katz

DOI: 10.54446/bcg.v15i2.4233



Entrevista realizada em 29 de janeiro de 2026,
por Thais Bueno

Quando se pensa em feminismo a partir de uma concepção marxista, há muitas abordagens possíveis por meio da Geografia e vice-versa. No entanto, as autoras mais reconhecidas por suas contribuições nessa área são historiadoras (a. e. Tithi Bhattacharya), antropólogas (Lélia Gonzalez), sociólogas (Heleieth Saffioti) e filósofas (Simone de Beauvoir, Silvia Federici, Nancy Fraser, Cinzia Arruza, Roswitha Scholz, Angela Davis), o que deixa as dúvidas: mas e quanto à Geografia? Não haveria geógrafas com trabalhos sobre feminismo, de uma perspectiva marxista? Ou, se há, quem seriam e quais as suas contribuições mais relevantes?

É com intuito de responder a essas questões que tenho desenvolvido minha pesquisa de mestrado, sob o título "Gênero e Geografia: tradução e análise de textos clássicos sobre a questão de gênero para a ciência geográfica", no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), orientada pela Profa. Dra. Elisa Favaro Verdi.

Foi em meio a essa investigação, que a entrevista registrada neste artigo foi realizada com a geógrafa Cindi Katz, no dia 29 de janeiro de 2026, in loco, na The City University of New York (CUNY), em Nova York, nos Estados Unidos, com auxílio do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Além de geógrafa, Cindi Katz é vice-diretora executiva do Programa de Doutorado em Ciências da Terra e Ambientais e professora nos Programas de Psicologia e de Estudos sobre Gênero e Feminismo, da CUNY. Tendo obtido seus diplomas de graduação e de pós-graduação em Geografia na Clark University, entre as décadas de 1970 e 1980, durante a Segunda Onda do Feminismo – período no qual trabalhos importantes das autoras citadas no primeiro parágrafo foram produzidos, justificando parte de sua relevância para o feminismo até os dias atuais.

Segundo Nancy Fraser, a Segunda Onda Feminista foi o período no qual o movimento feminista "aderiu a um projeto político transformador, baseado em um entendimento expandido de injustiça e na crítica sistêmica da sociedade capitalista" (Fraser, 2009, p. 21). Sendo um dos temas mais explorados pelas feministas nesse período a reprodução social, que não à toa também é um dos temas aos quais Cindi Katz mais se dedicou em sua trajetória acadêmica e militante – e que, atualmente, tem passado por um novo boom, segundo dito pela própria C. Katz nesta entrevista.

Por fim, cabe pontuar que a transcrição do áudio da entrevista e a tradução do texto original, do inglês para o português, foram feitas por meio de ferramentas de inteligência artificial (AI). Porém, essas versões iniciais foram devidamente revisadas e modificadas pela autora, em ambos idiomas, com intuito de corrigir, adaptar e aprimorar o texto, de modo que os conteúdos expressos pela entrevistada ficassem de acordo com o formato das publicações desta revista.

Boa leitura!

THAIS BUENO: Suponho que uma consequência da pequena produção sobre gênero na Geografia no Brasil seja que, quando buscamos referências, encontramos principalmente livros e artigos "clássicos" da sociologia, história ou filosofia, mas raramente da Geografia (mesmo em português). Isso me faz pensar sobre sua trajetória acadêmica, isto é, quais foram suas principais influências quando você começou a estudar e escrever sobre gênero, feminismo e reprodução social?

CINDI KATZ: Ótima pergunta. As coisas que mais me atraíram inicialmente não vieram de geógrafos, mas foi de Maria Rosa Dalla Costa[1], de um pequeno livro que ela escreveu com Selma James[2]. Era um livrinho rosa choque que encontrei em uma livraria radical, em Cambridge, Massachusetts.

Chamava-se The Power of Women and the Subversion of the Community (O poder das mulheres e a subversão da comunidade)[3]. Eu já citei esse livro um milhão de vezes e naquele momento foi completamente impactante para mim. A ideia de que o trabalho de reprodução social estava em toda parte e não era feito apenas por mulheres... Além da forma como ela analisava isso, como feminista marxista, olhando para o trabalho das mulheres e seu poder de transformar a economia política e o patriarcado, foi muito marcante.

Era um livrinho simples, e lembro que o encontrei por acaso, olhando a seção de estudos de mulheres. Pensei: "Isso faz sentido". E aquilo realmente me capturou.

Outras influências na época vieram do movimento The Wages for Housework[4] (Salários para o Trabalho Doméstico), também ligado ao feminismo italiano, além de alguns antropólogos que estudavam formação de domicílios e economias domésticas.

Geografia, naquele momento, nem tanto. Embora a geografia marxista tenha sido muito importante desde cedo. Eu estudei na Clark University, tanto na graduação quanto na pós-graduação, que era — e ainda é, em certa medida — um centro de geografia radical.

Havia professores radicais, e tínhamos um grupo de estudos com estudantes e docentes. Era a década de 1970, logo após a Guerra do Vietnã. Todos nós éramos

---

1 Nascida em 28 de abril de 1943, é uma feminista italiana e uma das principais figuras internacionais do feminismo na década de 1970. Atualmente, é professora na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Pádua (Ediciones Akal, 2026).

2 Nascida em 1930, é uma feminista norte-americana que, assim como Dalla Costa, foi uma das lideranças internacionais, na década de 1970, da campanha "Wages for Housework" ("Salário para o Trabalho Doméstico", em tradução livre) (James, 2020; Democracy Now!, 2012).

3 Dalla Costa, M. e James, S. (2017). The Power of Women and the Subversion of the Community. In Class (eds S. Aronowitz e M.J. Roberts). https://doi.org/10.1002/9781119395485.ch7.

4 The Wages of Housework (Salários para o Trabalho Doméstico, tradução livre) foi uma campanha impulsionada internacionalmente pelo movimento feminista no final da década de 1970 (LSE, 2024).

ativistas, então construíamos organizações comunitárias e estudávamos ao mesmo tempo.

Sempre conto essa história: estávamos lendo teoria, e algumas pessoas levavam isso muito a sério. Alguém disse: "Somos trabalhadores da teoria". E eu pensei: "Ah, por favor... somos estudantes de pós-graduação".

Então criamos três grupos de leitura: um sobre teoria do valor, outro sobre grupos oprimidos, e não lembro o terceiro. Mas todos os homens foram para teoria do valor e todas as mulheres para grupos oprimidos. E nos perguntamos: "Isso é coincidência?"

Foi assim que começamos a nos influenciar mutuamente, pensando nas conexões entre patriarcado, capitalismo, racismo, supremacia branca e imperialismo.

Para mim, também havia um interesse pelo Sul Global (na época chamávamos de "Terceiro Mundo"). Eu queria trabalhar na América do Sul, mas acabei indo para a África Oriental e Austral, porque meus professores tinham um grande projeto lá.

Eu consegui um cargo de assistente de pesquisa e eles meio que me enganaram, como os professores costumam fazer [risos]. Eles disseram: "Ah, são as mesmas teorias. Você só vai trabalhar, sabe, analisando a África". Bem, sim, no sentido amplo das teorias marxistas de desenvolvimento e subdesenvolvimento, sim, são as mesmas teorias. E acabei conhecendo a África Oriental e Austral e me desviando do caminho, mas adorei o trabalho que fiz. Como resultado, me interessei por analisar as teorias do subdesenvolvimento, estudando autores como Andre Gunder Frank1 e Samir Amin[5].

"Com o tempo, juntei todas as peças, e percebi que teoria e prática feministas sempre estiveram conectadas para mim. E isso se encaixou nos meus estudos de economia política, imperialismo e raça."

Eu fazia parte do movimento feminista no ensino médio e, até essa fase, eu nunca tinha andado de avião, então meus pais me deram uma passagem para ir a Boston no meu aniversário de 16 anos. Lá, visitei uma amiga que estava na faculdade e fazia parte de um grupo feminista. Ganhei muitos panfletos sobre feminismo e voltei para meu colégio distribuindo esses materiais, que incluíam conteúdos como o "mito do orgasmo vaginal", mesmo sem entender tudo completamente.

Depois disso, participei de um projeto de saúde das mulheres e aborto em Nova York, numa época em que o aborto era legal em apenas cinco estados. Isso foi minha introdução ao ativismo.

Com o tempo, juntei todas as peças, e percebi que teoria e prática feministas sempre estiveram conectadas para mim. E isso se encaixou nos meus estudos de economia política, imperialismo e raça.

5 Nascido em 1931, foi um economista egípcio e militante marxista, conhecido por suas elaborações sobre a "Teoria do Desenvolvimento". Faleceu em 2018 (Cross; Zeilig, 2018).

TB: Eu li uma entrevista sua em que você disse algo como "Alguns caminhos que seguimos na vida acontecem por acaso".

CINDI KATZ: Sim, você esbarra nas coisas e elas fazem sentido.

Acho importante reconhecer isso, porque eu poderia contar uma história que fizesse você pensar que eu sempre soube o que estava fazendo e que entendia de marxismo, feminismo, teoria crítica e raça, quando na verdade eu apenas estava tentando juntar as peças.

Eu sempre me interessei pelo tema da reprodução social. Eu não chamava assim na época e não fazia ideia do que significava. Já era um conceito, mas não amplamente utilizado.

No ensino médio, na minha aula de estudos sociais, eu estava estudando outras formas de organização do cuidado infantil, formas comunitárias de cuidado infantil. Isso estava abrindo caminho para pensar em economias domésticas alternativas e depois juntar isso a algo maior.

TB: E quando você começou a faculdade, provavelmente estava no meio da *Segunda Onda Feminista*, certo?

CINDI KATZ: Sim.

TB: E um dos temas mais importantes da Segunda Onda foi a *reprodução social*.

CINDI KATZ: Sim, se encaixa perfeitamente.

Eu participava de grupos de conscientização (como todas as pessoas legais da Segunda Onda). Nós basicamente conversávamos sobre como tínhamos crescido como meninas, o que queríamos em nossas vidas profissionais e pessoais, e percebemos que muitas coisas eram sistêmicas e não apenas problemas ou dificuldades individuais.

TB: É muito parecido no Brasil...

CINDI KATZ: Sério?

TB: Sim. Você conta algo num grupo e outras mulheres dizem "comigo também", "comigo também" ... e percebemos que é uma questão coletiva.

CINDI KATZ: Exatamente, e isso mostra a importância dos coletivos feministas.

Quando eu era estudante de graduação, e também na pós-graduação, descobri que os professores marxistas naquela época não respeitavam a teoria feminista e eu me sentia intimidada por isso. Eu sentia raiva, mas, de certa forma, isso me fazia sentir como se eu não estivesse fazendo o trabalho realmente importante da revolução classista.

Fui uma das fundadoras do Worcester Rape Crisis Center (Centro de Apoio a Vítimas de Estupro de Worcester, tradução livre) e um dos professores simplesmente tratou isso como um "clube de mulheres", semelhante àqueles que vendem bolos para ajudar uma causa. Ele simplesmente pensou: "Ah, que bom que vocês, meninas, estão fazendo isso". Sem ter noção sobre a importância disso.

Demorou para eu reagir a isso e deixar de sentir que, talvez, não estivéssemos fazendo coisas realmente importantes, como estudar a teoria do valor.

TB: Fico mais tranquila em saber que não foi um caminho solitário. Você tinha colegas com quem discutir essas questões.

CINDI KATZ: Com certeza. E devo dizer que naquela época, no final dos anos 70 da pós-graduação até meados dos 80, a Clark era uma universidade relativamente incomum por ter muitas alunas de pós-graduação, especialmente mulheres feministas e radicais.

Se eu tivesse ido para outra universidade, talvez tivesse me sentido mais isolada. Poderia ter sido mais difícil encontrar pessoas com as quais eu me identificasse. Talvez eu tivesse ido para antropologia ou sociologia ou planejamento ou algo assim.

Mas na Clark, estávamos todas lá. E isso foi meio que um "acidente histórico" e até hoje não está totalmente claro por quê.

Jan Monk[6], você conhece? Ela é uma geógrafa feminista que fez um trabalho extenso documentando as mulheres na Geografia que concentravam seus estudos em questões feministas. Ela é como uma mãe para muitos de nós e apoiou muito a pesquisa feminista numa época em que eu ainda não tinha entrado na universidade.

Ela descobriu que a Clark, desde o início do século XX, tinha mais professoras e alunas do que em outras universidades.

Na época, eu pensava: "Não contem isso a ninguém, porque se descobrirem, isso pode mudar" [risos].

Então, foi um acaso. Eu acabei entrando em um grupo de pessoas que já estavam predispostas a compartilhar o mesmo tipo de ideias ou a trabalhar com as mesmas questões de maneira radical.

6 Janice Monk (13/03/1937-12/07/2024) foi uma geógrafa e feminista australiana. Foi professora na Universidade do Arizona e reconhecida por seu trabalho sobre "emprego, educação, saúde e cultura de mulheres e grupos minoritários, particularmente nos EUA e no México" (Queirós, 2024).

TB: E nesse grupo havia pessoas de outras áreas?

CINDI KATZ: Sim, algumas. Havia pessoas da sociologia e da ciência política, acho que também da história. Não eram só pessoas da geografia.

TB: E quão fácil ou difícil era publicar essas ideias em revistas ou periódicos acadêmicos na época?

CINDI KATZ: Na época, acho que havia certa abertura. A Antipode[7] era publicada na Clark, embora nós, estudantes de pós-graduação, fizéssemos mais o trabalho operacional (colar adesivos nos envelopes, enviar correspondências etc.) e não o editorial. Mas sentíamos que esse tipo de produção era importante...

Havia outro grupo que abrangia toda a geografia da América do Norte, a União dos Geógrafos Socialistas[8]. Nela, nós tínhamos reuniões uma ou duas vezes por ano, para além das reuniões formais nacionais da AAG, que ocorriam só na Clark ou em Toronto ou na McGill... Esses encontros eram fundamentais para nos conectarmos.

Publicávamos textos mais experimentais, menos formais, como nas primeiras edições da Antipode.

Eu, pessoalmente, não tive dificuldades para publicar, mas não tentei muito no início. Publiquei com o grupo de pesquisa (no qual eu era assistente) e com meu orientador sobre a aprendizagem ambiental das crianças, nada explicitamente radical.

Quando terminei minha dissertação, eu tinha uma pesquisa sobre reprodução social, aprendizagem ambiental, desenvolvimento e subdesenvolvimento no Sudão e não tive dificuldades para publicá-la.

E deixe-me dar algum crédito, talvez muito, à Associação de Geógrafos Americanos... Mais uma vez, uma questão de apoio mútuo coletivo. E, então, por conhecer o editor dos Anais, quando enviei meu artigo, não foi como um tiro no escuro. Além disso, não sei se você, como estudante, se sente assim..., mas os alunos de hoje daqui entendem que precisam publicar, mas eu não tinha essa noção na faculdade. Eu só pensava "Você escreve um artigo, entrega ao professor e pronto".

Quando fiz esse projeto de pesquisa acerca da aprendizagem das crianças sobre o ciclo hidrológico, meu professor disse: "Então, onde devemos publicar isso?". E eu pensei "O quê? Só me dê uma nota e pronto".

---

7 Revista científica com publicações sobre geografia crítica.

8 A União dos Geógrafos Socialistas foi fundada por ocasião de seu primeiro encontro, entre 25 e 29 de maio de 1974, em Vancouver, no Canadá (The First Annual Meeting of the Union of Socialist Geographers, 1975), tendo como última publicação Society and Nature: Socialist perspectives on the relationship between human and physical geography, em 1983 (Cloudsley, 1985).

TB: Fico feliz que você tenha feito essas publicações. Você mencionou a Antipode. Poderia citar outras revistas abertas a esse tipo de abordagem?

CINDI KATZ: Sim, a Antipode, com certeza. Ela até se chama Journal of Radical Geography. A Environment and Planning D – Society and Space[9] é bastante aberta à teoria social radical. A Gender, Place, and Culture [10], que é uma revista feminista de geografia. A Social and Cultural Geography [11] é bastante aberta e também aceita teorias não convencionais.

As coisas evoluíram, embora não tenha sido fácil com revistas padrão como o Journal of the IBG[12] ou o tipo de revistas ligadas às organizações nacionais. Mas acho que, à medida que a geografia radical e o feminismo (e estou incluindo aqui a geografia marxista, antirracista e feminista) ganharam mais espaço, se tornaram mais respeitados, houve uma maior abertura nas revistas.

TB: E como seus artigos, livros ou outras publicações foram recebidos dentro da comunidade acadêmica?

CINDI KATZ: Bem, é difícil dizer. Mas posso falar de um artigo específico que escrevi há 30 anos, chamado Towards Minor Theory[13], que foi publicado na Society and Space. Era um texto muito teórico, quase uma tentativa de mostrar "Vejam, eu consigo escrever teoria como um adulto", mas não é assim que eu trabalho; mas eu quero que vocês me vejam, porque era tudo sobre não sermos vistas pelos geógrafos marxistas e outros tipos de geógrafos masculinistas radicais.

9 "Society and Space é uma revista acadêmica internacional e interdisciplinar de referência. Buscamos contribuições que desenvolvam novos vocabulários conceituais profundamente enraizados nas práticas e geografias da luta. Estamos comprometidos com a publicação de trabalhos que coloquem essas lutas no centro da produção de conhecimento e teoria geográficos" (Environment and Planning D: Society and Space, 2026).

10 "O objetivo de Gender, Place and Culture é proporcionar um fórum de debate em geografia humana e disciplinas afins sobre pesquisas fundamentadas teoricamente e voltadas para questões de gênero. A revista também busca destacar a importância dessas pesquisas para o feminismo e os estudos sobre as mulheres" (Gender, Place & Culture, 2026).

11 "A Social & Cultural Geography publica pesquisas empíricas com relevância teórica que oferecem uma forte contribuição intelectual para a geografia humana crítica e seus campos afins. A revista aborda questões atuais relacionadas a problemas e temas sociais/culturais na geografia e promove o debate acadêmico sobre eles" (Social & Cultural Geography, 2026).

12 A Royal Geographical Society (em conjunto com o Institute of British Geographers) é a sociedade científica que representa a geografia e os geógrafos. Foi fundada em 1830 para o avanço da ciência geográfica e tem estado entre as sociedades científicas mais ativas desde então (Royal Geographical Society; Institute of British Geographers, 2026).

13 KATZ, Cindi. Towards minor theory. *Environment and Planning D:* Society and Space, v. 14, n. 4, p. 487-499, 1996.

Derek Gregory[14] escreveu um livro chamado The Geographical Imagination[15], e praticamente não havia referências do que estávamos produzindo. É verdade que éramos mais jovens, mas éramos ativas. E quando digo "nós", me refiro àquelas que produziam sobre feminismo e o trabalho das mulheres.

Havia uma feminista ali que não era geógrafa, chamada Gayatri Spivak[16] e senti que ela era usada como escudo por esses autores com intuito de dizer algo como "Conhecemos feministas, mas não gostamos do que vocês, meninas, produzem".

Me sentia invisível e estava cansada disso. Eu sabia que estávamos fazendo um bom trabalho e me perguntava por que esses autores não conseguiam reconhecer isso.

Então, escrevi Towards Minor Theory[17]. E fiquei sabendo por meios informais que esse artigo chegou aos "garotões". Mas nenhum deles respondeu publicamente. Nenhum. Uma vez, confrontei um deles em um jantar dizendo algo, como "Então você leu, se incomodou, mas não consegue reconhecer isso". Fiquei chateada e, depois, chateada por estar chateada.

Uma das frases do artigo é tipo "Se eu não concordo com a voz do mestre, por que eu quero que o mestre me veja? Por que não posso simplesmente dizer: 'quem se importa?'" Mas eu realmente queria ser vista pelas pessoas influentes da área.

Dez anos depois, eu estava dando uma palestra na Universidade de Toronto, quando mencionei essa história e todas aquelas jovens alunas de graduação e pós-graduação, que estavam assistindo, reagiram dizendo: "Nós nos importamos". Esse momento foi decisivo. E eu pensei: "O que há de errado comigo? Por que me importei com querer ser notada pelos figurões, quando o futuro valoriza meu trabalho? Quem importa, hoje? Vocês, jovens!".

Eu amo meus alunos e o futuro da nossa área me deixa feliz.

TB: A mim, também.

CINDI KATZ: Então, alguém como você dizer que meu trabalho é relevante, me importa mais do que a opinião do Derek Gregory.

14 Geógrafo inglês, atualmente aposentado como professor da Universidade da Colúmbia Britânica (UBC, 2022).

15 GREGORY, Derek. *Imaginações geográficas*. 1994.

16 Teórica, literata e ativista indiana, reconhecida internacionalmente por suas contribuições sobre filosofia política, teoria feminista e estudos pós-coloniais (Columbia University, 2025).

17 KATZ, Cindi. Rumo à teoria minoritária. *Environment and Planning D:* Society and Space, v. 14, n. 4, p. 487-499, 1996.

TB: Sim. Obrigada por compartilhar isso. Bem, eu trouxe alguns dados do Brasil sobre a produção acadêmica na Geografia e gostaria de compartilhá-los com você para falar um pouco sobre a relação entre o Brasil e os EUA, em termos de estudos geográficos relacionados a mulheres, gênero e feminismo.

De acordo com um artigo de Paula Lindo (2021), doutora em Geografia, no Brasil, entre 2010 e 2019, houve apenas 133 estudos de mestrado ou doutorado sobre temas relacionados a mulheres, em um universo de milhares de estudos em todas as áreas do conhecimento. As palavras-chave mais utilizadas nesses estudos foram: mulheres (51 de 11.460), gênero (19 de 31.318) e corpo (26 de 21.837). A geografia brasileira está apresentando um aumento muito lento em estudos nessas áreas. Nesse ponto, você vê alguma semelhança com a produção em Geografia nos Estados Unidos?

CINDI KATZ: Não conheço esses números com precisão, mas considerando as revistas que mencionei, há muita atenção voltada para a geografia anglo-americana ou mesmo euro-americana. Não quero dizer que estamos tão à frente, mas acho isso mudou significativamente nos anos 1970.

Em 1968, a Antipode foi fundada. Não se tratava de uma revista sobre feminismo, mas havia muitas jovens que faziam parte da geografia radical que são agora referências nessa área. E nos últimos 10 anos, pude citar apenas geógrafas nas publicações que fiz.

Aliás, o que está em ascensão atualmente são as geografias queer. Portanto, há muito que não diz respeito aos ambientes ou espaços femininos, mas sim à sexualidade, ao espaço e à queerdade.

E eu lecionei isso no semestre passado e o que realmente mudou foi ter que lidar com pessoas queer e trans (uma relação com a sexualidade totalmente diferente das anteriores). Acho que isso ainda não está tão proeminente nas publicações, mas está crescendo.

TB: Só um comentário sobre o que você disse sobre pessoas queer. Eu vi um pouquinho desse mesmo processo no Brasil. Entrei na universidade há 10 anos e havia pouquíssimas pessoas trans ou não binárias, e voltei em 2025 para fazer meu mestrado e há muito mais pessoas queer, e foi incrível ver isso. Sei que as universidades no Brasil são elitizadas e um espaço de privilégio, mas é impressionante. É incrível ver como isso está mudando.

CINDI KATZ: Sim, está mudando bem rápido e isso faz com que o trabalho acadêmico sobre isso também mude. A Geografia mudou ao dar visibilidade a grupos antes sub-representados. Isso aconteceu em relação às pessoas negras, indígenas, queer, trans... Isso tem ocorrido de forma corrente (o que é empolgante!).

TB: Sim. E no Brasil, há um marco muito importante a partir da aprovação da política de cotas raciais, há pouco mais de dez anos. E, neste momento, o movimento estudantil está lutando pela implementação de vagas destinadas às pessoas trans nas universidades.

CINDI KATZ: Uma das inúmeras coisas terríveis que Trump fez foi acabar com um programa, chamado DEI [Diversidade, Equidade e Inclusão]. Esse programa costumava ser o meio para se considerar grupos sub-representados, que sofrem discriminação há décadas, séculos, como descendentes das colônias, de povos escravizados, pessoas negras e pardas, mulheres... E, agora, não é permitido levar isso em conta nas admissões em empresas e universidades.

É isso que torna a América grande novamente[18].

TB: Sim. O Trumpocalipse, como você mencionou em outra entrevista [risos]. E quanto às pessoas por trás desses estudos? No Brasil, a maior parte das pesquisas sobre mulheres, gênero e feminismo é feita por mulheres. De 113 estudos entre 2010 e 2019, 95 foram realizados por mulheres (LINDO, 2021). Você vê os homens se interessando mais por questões de gênero, mulheres ou feminismo na geografia hoje em dia?

CINDI KATZ: Não. O que mudou é que existem mais espaços dedicados a esses temas em eventos acadêmicos. E quem participa? Principalmente mulheres ou pessoas queer.

Se há sessões sobre geografia negra, são principalmente pessoas negras que comparecem.

"Eu lecionei sobre gênero e meio ambiente, sexualidade e espaço quatro ou cinco vezes nos últimos 25 anos e 90% dos alunos da turma são mulheres. "Ah, você está falando sobre gênero?". Homens não têm gênero. Só as mulheres têm gênero [risos]. "

Não há o interesse que se esperaria nessas questões. Eu lecionei sobre gênero e meio ambiente, sexualidade e espaço quatro ou cinco vezes nos últimos 25 anos e 90% dos alunos da turma são mulheres. "Ah, você está falando sobre gênero?". Homens não têm gênero. Só as mulheres têm gênero [risos].

Na minha última turma da disciplina que ministrei em 2025, todos os alunos eram mulheres, exceto dois homens trans e um gay. Não havia um único homem heterossexual. Eram cerca de 13 alunos. E você pensa: "O quê? Não estou falando de geografia feminina, estou falando de gênero". Sim. Eles não sabem que têm um gênero.

18 Referência ao slogan político de Donald Trump "Make America Great Again".

TB: Você mencionou que, quando começou a estudar geografia, marxismo e gênero, estava muito interessada em reprodução social. Dentro desse campo, quais tópicos você acha que são os mais estudados nos EUA atualmente?

CINDI KATZ: Posso estar sendo totalmente ingênua, mas vamos dizer que 40% lida com gênero ou sexualidade.

Um tema que está explodindo, agora, como uma área conceitual de interesse político-econômico, é a reprodução social. Há muitos artigos e livros recentes sobre isso, não apenas na geografia feminista, mas na geografia crítica e radical.

Essa é uma área em que as pessoas falavam sobre produção e reprodução no local de trabalho, principalmente produção. E, agora, parece haver uma atenção maior ao que significa pensar sobre reprodução social no trabalho acadêmico geográfico, em um ambiente político. Também sinto que há muita atenção sobre o tema das geografias da abolição e abolicionistas.

Eu sinto, penso e sei que abolição e reprodução social são a mesma coisa. Afinal, a defesa da abolição é uma tentativa de redirecionar o investimento do Estado e do capital que vai para o sistema carcerário, o policiamento, o punitivo, o opressivo, para o que consideramos reprodução social, como a educação, saúde, habitação, ou seja, para o espaço público.

Certa vez, eu estava conversando sobre isso com minha amiga, Ruth Gilmore[19], e disse que estávamos falando de dois lados da mesma moeda. E ela disse: "Na verdade, é o mesmo lado da moeda". Então, acho que parte da atenção crescente dada à reprodução social vem da frustração do quão difícil é mudar uma formação social.

Essa organização nos locais de trabalho ou no ponto de produção não vai mudar o mundo se não nos dedicarmos também ao que considero reprodução social, que para mim é tudo.

A produção e a reprodução se cruzam em todos os lugares com o modo de produção e as relações de produção. Mas se você não estiver olhando para as relações de reprodução social, você só vai ter revoluções abortadas, problemáticas e estagnadas.

E acho que os colegas do meu grupo na pós-graduação e os que vieram depois deles não viam dessa forma. Eles eram como organizadores sindicais ou estavam focados nos fluxos financeiros. E eu simplesmente sentia que não estavam chegando à outra parte do problema e nunca chegariam se ficassem só na fábrica.

19 Professora da Universidade da Cidade de Nova York (CUNY), no programa de Ciências da Terra e do Meio Ambiente, e diretora do Centro de Estudos sobre Lugar, Cultura e Política. Atualmente, Gilmore também integra o Comitê Executivo do Instituto de Pesquisa sobre a Diáspora Africana nas Américas e no Caribe (CUNY Graduate Center, 2026).

TB: Sim. A reprodução social não é um tema secundário.

CINDI KATZ: Sim, exatamente. E sinto que tem muito mais estudantes vindo aqui para estudar isso. Muito mais artigos estão sendo publicados sobre o assunto. Muitas pessoas estão citando meu trabalho, o que dá a sensação de que talvez algo tenha mudado. Não sei se você tem essa impressão, ou se você está entrando nessa área exatamente no momento certo para tratar de um assunto do seu interesse.

TB: Agora, eu sinto algo, como um novo momento para falar sobre reprodução social. Uma nova oportunidade de fazer uma discussão mais ampla sobre isso na sociedade. No Brasil, esse tema [reprodução social] está no topo das discussões do movimento feminista por alguns motivos. Em primeiro lugar, temos um aumento terrível da violência doméstica, no último período (FBSP, 2026). E adotamos um novo tipo de crime na lei desde 2015, o feminicídio, que ocorre basicamente quando uma mulher morre por ser mulher. E os números de feminicídio também estão aumentando (FBSP, 2026). Ao mesmo tempo, temos nossa vizinha, Argentina, que aprovou uma nova lei de aposentadoria para mulheres mães (Arcanjo, 2021). Desde 2021, o tempo que uma mulher argentina passa trabalhando no cuidado com filhos pode contar para aposentadoria. Esses elementos mostram que a reprodução social está sendo vista e discutida sob novas perspectivas e escalas sociais. Então, sim, concordo com você.

CINDI KATZ: Acho que é algo que está mais importante agora do que antes, com mais escrita e ativismo envolvidos. E acho que, como geógrafos, é importante incluirmos o meio ambiente nas questões sobre reprodução social.

Se produzimos e destruímos o meio ambiente, logo não será possível reproduzir o processo de produção. Se as pessoas vivem em bairros em péssimas condições ambientais e sociais, isso certamente será parte fundamental da reprodução dessas pessoas, influenciando em sua prosperidade e nas suas possibilidades de produtividade, saúde e até sobrevivência.

No geral, os ambientalistas não consideram a reprodução social e os teóricos da reprodução social, que são feministas e não-geógrafos, também não consideram as questões ambientais como parte da reprodução social.

Um exemplo de alguém que trata desses temas é Giovanna di Chiro[20], que embora não seja geógrafa, foi uma das primeiras pessoas a falar sobre isso dessa maneira.

20 "Giovanna Di Chiro é professora de Estudos Ambientais no Swarthmore College, onde ministra cursos sobre teoria da justiça ambiental, ecofeminismo(s), métodos de pesquisa-ação e sustentabilidade comunitária" (Humanities for the Environment, 2026).

TB: Recentemente, traduzi dois artigos seus, "Life's Work: Geographies of Social Reproduction" e "Children and Childhood". No primeiro, você argumenta que a redução das responsabilidades do Estado em relação às políticas de bem-estar social foi absorvida pelo setor privado, afetando muito mais às mulheres. Nesse contexto, como o reconhecimento da reprodução social como fundamental ao capitalismo contribui para as lutas das mulheres por mais direitos?

CINDI KATZ: Ok. Então, para começar, se reconhecermos que as práticas de reprodução social criadas por nós são o que constroem as relações sociais em que vivemos, isso nos dá a perspectiva de poder recriá-las de maneira diferente, ou seja, somos parte da formação social em que vivemos.

Esse processo é feito por meio da educação, do cuidado com os filhos, de nossas relações domésticas, de nossa relação com o capital, de nossas relações com nossa comunidade. E como mudamos isso? Como fazemos mudanças no dia a dia, mas de uma forma mais radical?

Bem, nós, feministas das Segunda Onda realmente mudamos nossa relação com o gênero, a masculinidade e o patriarcado por meio de grupos de conscientização. Não transformamos necessariamente o patriarcado, mas mudamos a maneira como nos entendíamos em relação a um modo de produção. E, ao fazer isso, mudamos as relações desse modo de produção.

Isso é uma revolução? Não, mas como chegar a algum lugar na transformação das relações sociais ou dos direitos das mulheres? Vemos que temos relações específicas com as forças sociais dominantes ou com as relações sociais, e podemos transformá-las. No sentido gramsciano, a disciplina que mantém as coisas no lugar pode ser alterada, pois a hegemonia é construída por pessoas que consentem com ela. O reconhecimento do trabalho e de todo o poder envolvido em obter consentimento para as opressões e forças de dominação pode ajudar a formar coalizões contra essas coisas.

Não é fácil. É quase impossível. Eles têm o Estado, têm as armas, têm a polícia. Nós os vemos... Em Minneapolis [21], há muitas pessoas nas ruas nas atuais manifestações que estão sendo espancadas... Vemos milhares de pessoas sendo mortas no Irã...

Os capangas de Trump ainda não estão matando milhares de pessoas, mas eles têm as prisões, a polícia, as forças armadas, e é muito difícil desfazer essas coisas. Às vezes, chegamos perto, mas o fato é que podemos mudar as condições de nossas vidas cotidianas, e já o fizemos. Acho que a reprodução social e o reconhecimento do poder desse trabalho fazem a diferença. Isso faz sentido?

21 Katz se referiu à série de manifestações que vinham ocorrendo em Minneapolis desde 7 de janeiro de 2026, quando a cidadã americana Renee Nicole Good foi morta por agentes de imigração, e que ganharam novo fôlego em 24 de janeiro, quando o enfermeiro Alex Pretti também foi morto pelos agentes (G1, 2026).

TB: Muito [risos].

CINDI KATZ: Eu te dei esperança?

TB: Sim, muita. E, tentando estabelecer uma conexão com as crianças e a infância, é correto supor que as formas como elas são socialmente construídas e abordadas intensificam ainda mais o fardo da reprodução social imposto às mulheres?

CINDI KATZ: Acho que isso não mudou tanto quanto pensávamos. Acho que entre pessoas instruídas e da classe média alta há mais margem para que as relações de gênero mudem. Mas acho que o fardo dos cuidados infantis ainda recai sobre as mulheres, mesmo quando há creches gratuitas. Muitas vezes ainda são as mulheres que organizam o cuidado, ou seja, fazem o trabalho de buscar a criança, contratar uma babá ou matricular na escola.

Está melhor do que quando eu era criança ou do que quando tinha vinte e poucos anos. Mas é um processo lento. Não acho que tenha mudado tanto quanto eu imagino. Acho que minha fantasia é tipo "Ah, as pessoas reconhecem o trabalho de criar filhos como igualitário". Mas ainda é incomum ter um pai que fica em casa ou um homem que cuida da maior parte dos filhos...

Mas quero dizer outra coisa sobre o que motiva meu trabalho com crianças e a infância. Acho que as pessoas nos EUA, e talvez em outros lugares, estão sobrecarregadas com o futuro político, econômico e ambiental. As coisas parecem tão difíceis e agora talvez mais do que nunca. O que está havendo em Minneapolis contradiz meu argumento, mas, de certa forma, as pessoas não estão lidando com isso como as questões que são, mas estão tentando controlar o que podem controlar, tentando apenas administrar e fazer algo funcionar.

Elas administram a infância, estão tentando controlar o acesso à educação, estão tentando controlar quem tem acesso à mídia, tentando controlar a informação neste país etc., algo como "Não queremos que os brancos se sintam mal com a escravidão. Então, não vamos mais ter isso no currículo e nem em livros que as crianças possam ler".

Então, parte do que está acontecendo em relação às crianças e à infância é uma tentativa de controlar o que parece incontrolável no futuro e de pressionar a vida das crianças por causa disso.

Outras pessoas controlam seus corpos, as fronteiras ou algo assim, mas acho que essa ideia de gerenciar, diante de visões insuportáveis do futuro, em vez de estar nas ruas como estamos vendo em Minneapolis e em todos os lugares, é mais como: "Ok, tenho que controlar o que não posso controlar, então, vou garantir que essa criança chegue ao futuro com sucesso".

Então, parte do que me interessa na infância é que ela é apenas um nexo de controle. E isso diz respeito à reprodução social, mas é uma espécie de estratégia de contenção da reprodução social.

TB: Preciso dizer que esse texto me fez refletir muito, porque nunca pensei em como a maneira como lidamos com as crianças e a infância talvez contribua para que as mulheres fiquem cada vez mais exaustas.

CINDI KATZ: Ao mesmo tempo, isso disciplina.

TB: É comum enxergarmos a forma como lidamos com as crianças e a infância atualmente como natural. Mas não. É algo construído pelo capitalismo. Li também um livro em português que compartilha experiências de mulheres em outras épocas históricas (Manifesto Antimaternalista, Iaconelli, 2023)[22]. E a maneira como a sociedade lidava com as crianças e a infância era muito diferente. E nós simplesmente não sabemos disso. Não temos acesso fácil a esse tipo de informação.

CINDI KATZ: E isso disciplina as mulheres. A preocupação com o filho mantém as mulheres em casa, fora do mercado de trabalho, fora da organização política...

TB: Em seu artigo "*Vagabond Capitalism*"[23] você argumenta que a reestruturação neoliberal nas últimas décadas do século XX ampliou a diferença entre ricos e pobres e intensificou o fardo da reprodução social suportado por mulheres racializadas e migrantes. Olhando para trás, como você compararia a situação que analisou em 2001 com o momento atual?

CINDI KATZ: Acho que é a mesma coisa. Em parte, porque na maioria dos casos, o Estado e o capital se retiraram de muitas áreas da reprodução social. Atualmente, com Mamdani[24] há uma ligeira mudança, há um reconhecimento de que o Estado deve fornecer moradia acessível, cuidados infantis, não apenas educação pública, mas educação na primeira infância ou cuidados infantis.

Mas na maior parte, o neoliberalismo continuou a privatizar tantas áreas da reprodução social que as pessoas que podem pagar por cuidadoras de crianças costumam empregar principalmente mulheres, não brancas e do Sul Global. O movimento atual de anti-imigração nos EUA vai transformar totalmente a disponibilidade dessa mão de obra doméstica e de baixo custo.

22 IACONELLI, Vera. Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

23 KATZ, Cindi. Capitalismo vagabundo e a necessidade da reprodução social. Antipode, v. 33, n. 4, p. 709-728, 2001.

24 Zohran Mamdani, atual prefeito de Nova York, pelo Partido Democrata. Eleito em 2025 e empossado em 2026.

Com a migração e as restrições à legalização de imigrantes, como exposto no trabalho de Gerry Pratt[25], que analisa a imigração de mulheres filipinas para o Canadá, na qual os tipos de vistos concedidos exigem que elas migrem sozinhas, permaneçam assim por um período (pode chegar a uma década) e, caso consigam emprego e decidam ficar no país, possam eventualmente trazer suas famílias para morar consigo. Nesse período, quem cuida dos filhos dessas mulheres geralmente não são seus parceiros ou maridos, mas suas irmãs e mães.

Muitas pessoas estudaram essas cadeias globais de imigração, nas quais a reprodução social se torna acessível para aqueles com outras pessoas para assumirem seus fardos do trabalho de reprodução social. Uma mulher cuida da casa de outra, enquanto outra mulher cuida da casa dela, e assim por diante.

E há uma extração de valor pelo capital que não provê as condições necessárias à reprodução social. Por isso, parte da razão pela qual a mão de obra sindicalizada se organiza não é apenas por melhores salários ou jornadas mais curtas, mas melhores condições de trabalho, apoio à educação, auxílio-moradia, várias coisas que fazem parte da reprodução social e que foram reduzidas no neoliberalismo.

TB: E como você acha que a geografia poderia nos ajudar a entender esse processo?

CINDI KATZ: Acho que o bom e velho internacionalismo importa. O fato de os sindicatos se oporem a imigrantes, sentindo que o capital explora a mão de obra mais barata e age contra os sindicatos ao ter uma força de trabalho estrangeira ou ao transferir a produção para o México ou para a China... Essas coisas permitem que o capital explore a força de trabalho e extraia mais valor também pelos sindicatos ou a força de trabalho organizada não serem solidários para além das fronteiras nacionais, enquanto este é um país de imigrantes, o que surpreende pela quantidade de pessoas anti-imigração.

"... a situação atual é que nossa força de trabalho exige trabalhadores sem documentos, em vulnerabilidade, que vão trabalhar por salários abaixo do mínimo, sem benefícios, sem estabilidade no emprego, sem plano de saúde e que precisam de dinheiro (...) o que torna curioso o argumento de que esses imigrantes estão tirando o emprego dos americanos, pois nenhum americano que tenha estabilidade quer esses tipos de empregos."

E a história da imigração sempre foi cheia de cenários conturbados, com muito racismo, exploração e tudo mais. As pessoas trabalhavam por salários muito baixos ou sem regulamentação e, ainda assim,

25 Geraldine Pratt é professora e chefe do Departamento de Geografia da Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá. Seus estudos se concentram sobretudo na precarização do trabalho, nas migrações globais e nas novas geografias do cuidado (UBC, 2026).

conseguiram chegar até aqui e melhorar suas vidas ao longo de gerações. Mas a situação atual é que nossa força de trabalho exige trabalhadores sem documentos, em vulnerabilidade, que vão trabalhar por salários abaixo do mínimo, sem benefícios, sem estabilidade no emprego, sem plano de saúde e que precisam de dinheiro. Então eles vêm para cá: nossos trabalhadores rurais, nossos empregados domésticos, nossos trabalhadores da construção civil... O que torna curioso o argumento de que esses imigrantes estão tirando o emprego de americanos, pois nenhum americano que tenha estabilidade quer esses tipos de empregos.

Algo que me surpreendeu é que o setor agroindustrial está começando a se voltar contra Trump, pois a agroindústria depende de trabalhadores rurais migrantes e essas pessoas estão sendo expulsas do país, logo o trabalho não está sendo feito porque não há jovens brancos do campo dispostos a realizar esse trabalho agrícola, como colher maçãs, capinar ou aplicar pesticidas.

TB: Para concluir, minha última pergunta é sobre seu texto "*On the grounds of globalization: A topography for feminist political engagement*"[26]. Gostaria de perguntar se você nota algo no espaço que expresse o atual momento da desigualdade social.

CINDI KATZ: Acho que neste país, vivemos em uma segregação residencial bastante persistente. As pessoas ainda vivem em bairros que apresentam homogeneidade de classe, étnica ou racial.

Também acho que quando as pessoas, mulheres, pais, jovens, diferentes grupos estão preocupados com algo em seu ambiente, com suas perspectivas de futuro, reconhecem isso e se unem em organizações comunitárias em nível de bairros ou distritos, isso é muito eficaz na promoção de mudanças urbanas.

Uma das coisas que tenho observado ao trabalhar com grupos comunitários é que há muito sendo feito para mudar a situação da habitação e para combater o policiamento excessivo. As pessoas nesses locais têm alianças, mas não têm tempo para se organizar porque estão imersas em demandas políticas internas ou de suas próprias vidas cotidianas. E o desafio seria como pensar essas questões de forma integrada, atravessando bairros, nações... Todos envolvidos em uma profunda resistência para lidar com essas questões, enquanto o capitalismo tenta aplicar o truque de fazê-las parecer questões ou demandas em separado.

Não sei se respondi à sua pergunta.

TB: Sim, foi ótimo. Muito obrigada por este encontro e por ter aceitado a entrevista. Estou muito feliz por ter tido essa conversa com você.

26 KATZ, Cindi. On the grounds of globalization: A topography for feminist political engagement. *Signs: Journal of women in culture and society*, v. 26, n. 4, p. 1213-1234, 2001.

CINDI KATZ: Obrigada. Estou muito feliz por você estar interessada em conversar e refletir sobre essas questões comigo.

★ ★ ★

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que viabilizou a ida da autora à Nova York para realização desta entrevista, por meio do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX).

À minha orientadora, Elisa Favaro Verdi, pelo acompanhamento em todas as etapas de trabalho que resultaram neste artigo.

Aos geógrafos, Bianca Meira de Almeida da Silva e Wagner Wendt Nabarro pelo apoio no contato com Cindi Katz e incentivo para publicação deste material.

À Anabel Bianchi do Nascimento Brito, pela inestimável preparação linguística e orientações para condução da entrevista.

Sobre a entrevistada

CINDI KATZ é vice-diretora executiva do Programa de Doutorado em Ciências da Terra e Ambientais e professora dos Programas de Psicologia e de Estudos sobre Gênero e Feminismo da Universidade da Cidade de Nova York (CUNY). Obteve sua graduação e pós-graduação em Geografia na Clark University, realizando desde então diversos estudos sobre a reprodução social e a produção do espaço, do lugar e da natureza; as consequências da reestruturação econômica global para a vida cotidiana; crianças e meio ambiente; e as espacialidades entrelaçadas da pátria e da segurança baseada no lar.

Sobre a entrevistadora

THAIS BUENO Geógrafa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), mestranda e bolsista Capes pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana na mesma instituição, com pesquisa denominada "Gênero e Geografia: tradução e análise de textos clássicos sobre a questão de gênero para a ciência geográfica", sob orientação da Profa. Dra. Elisa Favaro Verdi.

Bibliografia

ARCANJO, Daniela. *Argentina reconhece cuidado materno como trabalho para aposentadoria; entenda*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23 jul. 2021. Mercado. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/07/argentina-reconhece-cuidado-materno-como-trabalho-para-aposentadoria-entenda.shtml. Acesso em: 21 abr. 2026.

CLOUDSLEY, Tim. Society and nature: socialist perspectives on the relationship between human and physical geography. *Journal of Arid Environments*, v. 9, n. 1, p. 95–96, 1985.

COLUMBIA UNIVERSITY. *Gayatri Chakravorty Spivak named 2025 Holberg Prize laureate*. New York, 13 mar. 2025. Disponível em: https://news.columbia.edu/news/gayatri-chakravorty-spivak-named-2025-holberg-prize-laureate. Acesso em: 16 mar. 2026.

CROSS, Hannah; ZEILIG, Leo. *In tribute to our comrade Samir Amin, 1931–2018.* Review of African Political Economy, v. 45, n. 157, p. 365–377, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1080/03056244.2018.1533628. Acesso em: 15 mar. 2026.

CUNY GRADUATE CENTER. *Ruth Wilson Gilmore*. New York, [s.d.]. Disponível em: https://www.gc.cuny.edu/people/ruth-wilson-gilmore. Acesso em: 16 mar. 2026.

Democracy Now!. *"Sex, Race and Class": Extended Interview with Selma James on Her Six Decades of Activism*. 18 abr. 2012. Disponível em: https://www.democracynow.org/2012/4/18/video_sex_race_and_class_extended_interview_with_selma_james_on_her_six_decades_of_activism. Acesso em: 14 mar. 2026.

EDICIONES AKAL. *Akal*. Disponível em: https://www.akal.com/. Acesso em: 14 mar. 2026.

Environment and Planning D: Society and Space. *EPD: Society and Space.* SAGE Publications. Disponível em: https://journals.sagepub.com/home/EPD. Acesso em: 15 mar. 2026.

FBSP, FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Retrato dos feminicídios no Brasil: nota técnica – Dia Internacional da Mulher 2026*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026. Disponível em: Acessar documento. Acesso em: 21 abr. 2026.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações – Revista de Ciências Sociais,* v. 14, n. 2, 2009.

G1. *FBI assume investigação sobre morte de manifestante em Minneapolis*. 30 jan. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/01/30/fbi-assume-investigacao-morte-manifestante-minneapolis.ghtml. Acesso em: 16 mar. 2026.

Gender, Place & Culture. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography.* Taylor & Francis. Disponível em: https://www.tandfonline.com/journals/cgpc20. Acesso em: 15 mar. 2026.

HUMANITIES FOR THE ENVIRONMENT. *Giovanna Di Chiro*. 2026. Disponível em: https://hfe-observatories.org/affiliate/di-chiro-giovanna/. Acesso em: 16 mar. 2026.

JAMES, Selma. I founded the Wages for Housework campaign in 1972 – and women are still working for free. *The Independent*, 2020.

LSE, LONDON SCHOOL OF ECONOMICS AND POLITICAL SCIENCE. *They say it is love, we say it is unwaged work: Wages for Housework*. London, 24 jul. 2024. Disponível em: https://blogs.lse.ac.uk/lsehistory/2024/07/24/they-say-it-is-love-we-say-it-is-unwaged-work-wages-for-housework/. Acesso em: 16 mar. 2026.

MINTZ, Sidney. Andre Gunder Frank (1929–2005). American Anthropologist, v. 109, n. 1, p. 232–234, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1525/aa.2007.109.1.232. Acesso em: 15 mar. 2026.

QUEIRÓS, Margarida. JANICE MONK, UMA GEÓGRAFA FEMINISTA DE DESTAQUE E QUERIDA AMIGA DE TODAS NÓS, MULHERES NA ACADEMIA. Finisterra, *[S. l.]*, v. 59, n. 126, p. e 36788, 2024. DOI: 10.18055/Finis36788. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/36788. Acesso em: 9 mai. 2026.

Royal Geographical Society (com o Institute of British Geographers). *About the Society.* Disponível em: https://www.rgs.org/about. Acesso em: 15 mar. 2026.

Social & Cultural Geography. *Social & Cultural Geography.* Taylor & Francis. Disponível em: https://www.tandfonline.com/journals/rscg20. Acesso em: 15 mar. 2026.

THE FIRST ANNUAL MEETING OF THE UNION OF SOCIALIST GEOGRAPHERS. Antipode, v. 7, n. 1, p. 86–86, 1975. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.1975.tb00679.x. Acesso em: 15 mar. 2026.

UBC, UNIVERSITY OF BRITISH COLUMBIA. *Geraldine Pratt*. Vancouver, [2026]. Disponível em: https://geog.ubc.ca/profile/geraldine-pratt/. Acesso em: 16 mar. 2026.